

FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA¹

PHILOSOPHY OF PHILOSOPHY TEACHING

Silvio Gallo²

Resumo:

A pedido da comissão organizadora do V Encontro do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF, este texto procura elucidar o sentido da expressão Filosofia do Ensino de Filosofia a partir do histórico da linha de emergência da qual o autor fez parte. Narra-se uma série de ações que, desde a década de 1990, foram desenvolvidas a partir da perspectiva de uma filosofia do ensino de filosofia – permitindo a constituição de um campo de pesquisa filosófico-educacional sobre o ensinar filosofia.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Problema filosófico; Filosofia do Ensino de Filosofia.

Abstract:

At the request of the organizing committee of the 5th Meeting of the ANPOF WG Philosophizing and Teaching to Philosophize, this text seeks to elucidate the meaning of the expression Philosophy of Philosophy Teaching, based on the history of the emergency line to which the author belonged. It recounts a series of actions that, since the 1990s, have been developed from the perspective of a philosophy of philosophy teaching and allowed the constitution of a field of philosophical-educational research on teaching philosophy.

Keywords: Philosophy Teaching; Philosophical Problem; Philosophy of Philosophy Teaching.

¹ O presente texto é uma transcrição, revisada pelo autor, do vídeo enviado à mesa temática “A constituição do campo do ensino da filosofia: história e epistemologia”, por ocasião de sua participação no V Encontro do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF.

² Professor titular aposentado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Atua junto ao PPGE da FE-Unicamp. **E-mail:** gallo@unicamp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3808560029763904>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2221-5160>.

Já há alguns anos, a gente vem falando, aqui no Brasil, em torno de uma filosofia do ensino de filosofia. Mas o que nós queremos dizer quando usamos essa expressão? Do que exatamente nós estamos falando quando falamos em uma filosofia do ensino de filosofia? Todo o fenômeno no campo da educação, do ensino, tem uma série de emergências, uma série de proveniências, se a gente quiser utilizar a expressão proposta por Michel Foucault, quando ele fala em uma genealogia, em uma busca do surgimento de determinados fenômenos. E o mesmo se dá aqui quando falamos então da questão da filosofia do ensino de filosofia no Brasil.

Nesta oportunidade, eu vou comentar com vocês alguns elementos em torno de uma das linhas de emergência da filosofia do ensino de filosofia entre nós. A linha na qual eu participei desde os seus inícios e de que venho participando nos últimos anos. Buscando, com isso, então, ajudar a trazer alguns elementos para esclarecer essa questão, para que a gente possa pensar contemporaneamente a problemática da filosofia do ensino de filosofia aqui no Brasil.

É importante, então, dizer para vocês que no ano de 1995, na Universidade Metodista de Piracicaba, onde eu trabalhava junto com alguns outros colegas e na qual nós tínhamos uma Licenciatura em Filosofia, um curso de formação de professores de filosofia, nós começamos a pensar mais especificamente essa problemática do ensino. Uma vez que nós formávamos professores, nós queríamos compreender o que exatamente nós estávamos fazendo com a formação do professor de filosofia, quais eram as condições para os estudantes que, graduados nesse curso, iam para as redes de ensino, especialmente para a rede pública de ensino. Alguns também com experiência nas redes privadas, mas, fundamentalmente, os alunos iam para a rede pública de ensino, aqui no interior do estado de São Paulo. Nós queríamos então qualificar da melhor maneira possível esse processo de formação do professor de filosofia.

Depois de algumas tentativas e de algumas iniciativas, em 1995 nós fundamos o Grupo de Estudos Sobre Ensino de Filosofia, que recebeu a sigla GESEF, formado por vários professores do curso de licenciatura em filosofia da Universidade Metodista de Piracicaba, mas também por professores de outras instituições, professores de escolas públicas do interior de São Paulo, estudantes do nosso curso de licenciatura em filosofia e outras pessoas interessadas. Naquela época, nós nos reuníamos normalmente aos sábados, porque era o tempo de que a gente dispunha, fora das nossas atividades gerais, cotidianas de trabalho, e nos pusemos então a discutir essa perspectiva do ensino de filosofia.

Um marco importante nessa trajetória, nesses debates que fomos fazendo é que, no ano de 1999, nós participamos em Brasília, na Universidade de Brasília, do Congresso Internacional de Filosofia com Crianças e Jovens, que foi organizado naquele ano pelo nosso colega Walter Kohan, que então trabalhava na UnB e que era na época presidente do ICPIIC, o International Council for Philosophical Inquiry with Children, a associação internacional que cuida dos projetos de filosofia para crianças. Walter, na qualidade de presidente desse Instituto, trouxe o evento para o Brasil, para Brasília, o sediou na UnB, mas quis dar um pouco mais de abrangência ao debate sobre a filosofia para crianças, fazendo então um congresso em torno da prática filosófica com crianças e jovens.

Nesse congresso, nós tivemos uma mesa redonda sobre filosofia no ensino médio, na qual eu participei junto com outros colegas do Uruguai, da Argentina, da França. Essa mesa redonda foi muito concorrida, foi muito debatida. Lembrem-se, estávamos em 1999, em 1996 tínhamos tido a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, na qual se contemplava o ensino de filosofia, a presença da filosofia no ensino médio brasileiro. Se contemplava de uma forma muito ampla, porque se falava na necessidade de conhecimentos de filosofia (e sociologia) na formação para a cidadania dos nossos jovens, e isso gerou um intenso debate sobre o que significava, então, ensinar filosofia. Como deveríamos ensinar filosofia? Que filosofia é essa que deveria ser ensinada nesse contexto?

É a partir dessa mesa redonda e de todo o debate que se fez lá em Brasília sobre esses elementos que nós saímos de lá desse congresso com o objetivo de realizar, o quanto antes possível, um congresso que articulasse os professores de filosofia no ensino médio brasileiro para que a gente pudesse mapear o que estava sendo feito, para que a gente pudesse começar a construir caminhos mais específicos para o ensino de filosofia na educação média brasileira. Foi a partir desse debate então, em 1999, que nós nos propusemos a organizar, na mesma Universidade Metodista de Piracicaba, na qual havíamos criado o GESEF alguns anos antes, o Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia, que aconteceu nos primeiros dias do mês de dezembro do ano 2000.

Foi um congresso bastante interessante, no qual participaram professores das várias regiões brasileiras de vários estados brasileiros, no qual participaram também convidados estrangeiros da Itália, da França, do Uruguai, da Argentina, pelo menos esses que eu me lembro mais diretamente agora nesse momento. E no qual nós pudemos então discutir essa perspectiva do ensino de filosofia.

E quando nós reunimos os textos das conferências e mesas redondas realizadas nesse Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia, que foi publicado como um dos volumes da coleção *Filosofia e Ensino* da editora Vozes, então coordenada pelo nosso colega Walter Kohan, nós demos como título desse volume da coleção *Filosofia e Ensino*, “Filosofia do Ensino de Filosofia”, porque julgamos que isso traduzia bem a perspectiva que nós queríamos trabalhar em relação ao ensino da filosofia.

No que consistia essa questão? Ela consistia justamente na constatação que nós fizemos que, no caso da filosofia, não bastava que nós pensássemos o ensino desde um ponto de vista pedagógico. Mas, nós defendíamos, então, e continuamos defendemos desde então, a perspectiva de que o ensino da filosofia traz implicadas também questões estritamente filosóficas. Portanto, discutir o ensino da filosofia não é apenas discutir pedagogicamente o ensino de filosofia. Precisa ser também discutir filosoficamente o ensino de filosofia. Daí a expressão “filosofia do ensino de filosofia”.

É importante dizer que, quando nós defendemos a ideia de uma filosofia do ensino de filosofia, em hipótese alguma nós estamos prescindindo de uma pedagogia do ensino de filosofia. Quando nós defendemos que o ensino de filosofia precisa ser pensado filosoficamente, nós não estamos de modo algum dizendo que o ensino de filosofia não deva ser pensado pedagogicamente. Muito pelo contrário. Nós sabemos que há toda uma série de elementos pedagógicos implicados no ensino de filosofia. Há toda uma contribuição absolutamente necessária que nós

precisamos ter dos especialistas no campo da educação, no campo da didática, no campo das teorias e metodologias de ensino para que o ensino de filosofia possa se realizar. Mas, nós julgamos que, mais do que isso, nós precisamos também – é um acréscimo, não é uma substituição – de um trato filosófico sobre o ensino de filosofia. Portanto, de uma filosofia do ensino de filosofia.

E foi isso que nós procuramos desenvolver desde então e vimos desenvolvendo desde então. E com isso, nós fomos então nos articulando com outros colegas de diferentes lugares do Brasil e do mundo que também tematizam essa perspectiva. Eu poderia, por exemplo, chamar a atenção de vocês para o caso do professor Michel Tozzi, na França, que há muitos anos trabalha com essa dinâmica de pensar filosoficamente o ensino de filosofia, ainda que não necessariamente ele nomeie isso de uma filosofia do ensino de filosofia. Ou, o nosso colega Alejandro Cerletti, da Argentina, que vem também insistindo muito nisso nos últimos anos, e sobretudo contribuindo com a perspectiva de pensar o ensino de filosofia como um trato, como um problema filosófico. Então, todas essas dimensões vão se articulando nessa perspectiva de se tentar trabalhar o ensino de filosofia desde a perspectiva da própria filosofia.

Isso veio atravessado também como uma crítica à concepção de licenciatura que nós tínhamos no Brasil naquela época (estamos falando ainda da década de 1990), na qual reinava um modelo de formação de licenciatura que era conhecido como o modelo 3+1. Durante três anos, se fazia a formação básica no departamento de filosofia, se constituía, portanto, um bacharelado em filosofia, e com mais um ano se realizava a licenciatura em filosofia. Ou seja, se fazia uma espécie de complementação pedagógica ao longo de um ano, no qual as disciplinas pedagógicas habilitavam aquela pessoa que já tinha obtido os conhecimentos de filosofia específicos no departamento de filosofia, habilitava essa pessoa a lecionar filosofia. Nós tínhamos críticas bastante duras a esse modelo – e temos ainda hoje –, porque sabemos que esse modelo ainda impera em algumas universidades brasileiras, em alguns cursos de formação esse modelo continua existindo. Sobretudo por que esse modelo de algum modo desincumbia os professores de filosofia, os especialistas de filosofia dos departamentos de filosofia, de lidar com as questões relativas ao ensino da disciplina. Então, era muito comum que os professores dissessem “bom, aqui no departamento de filosofia vocês aprendem aquilo que é a filosofia. Se vocês quiserem ser professores, vocês vão até o departamento de educação, até a faculdade de educação cursar as disciplinas pedagógicas para poder fazer licenciatura”. E com isso, o que esses professores estavam dizendo? Que a problemática do ensino da filosofia não era uma problemática estritamente filosófica, ela era exclusivamente pedagógica.

Então, quando a gente força um pouco o pêndulo para o lado contrário, quando a gente força a barra no sentido de falar em uma filosofia do ensino de filosofia, é justamente por que a gente queria reivindicar a importância e a necessidade de que, no ensino da filosofia, nós também pensássemos filosoficamente as questões relativas a esse ensino. E por que isso? Porque nós sabemos que há toda uma didática da filosofia intrínseca ao próprio ato de filosofar. A própria dimensão do produzir filosofia, há uma implicação ou há uma série de implicações nesse ato de produzir filosofia, que implica que aquele que ensina filosofia deve também pensar filosoficamente sobre o que significa essa prática de ensinar filosofia, de transmitir filosofia a outras pessoas. Ou seja, um professor de filosofia não é formado em um modelo em que ele aprende o conteúdo

de filosofia, de um lado, e aprende a transmitir a filosofia, de outro lado. No próprio aprendizado da filosofia, já é atravessado por um aprendizado da transmissibilidade da filosofia, da comunicação no ato filosófico.

É por essa razão, então, que nós chamamos a atenção naquele momento e continuamos chamando a atenção, desde então e até hoje, em torno da necessidade de uma filosofia do ensino de filosofia. E eu repito porque acho importante repetir: não prescinde dos conhecimentos pedagógicos, ao contrário, necessita dos conhecimentos pedagógicos, dialoga intensamente com os conhecimentos pedagógicos, mas também afirma ser necessário uma pesquisa no campo do ensino da filosofia, um trato filosófico com o ensino da filosofia.

E desde a década de 1990 até os nossos dias, com esse desenvolvimento em torno de uma filosofia do ensino da filosofia, a gente foi constituindo no Brasil esse campo de pesquisas como o campo de Ensino de Filosofia. Campo no qual uma série de questões vão ser de grande importância e vão nos fazer constituir essa possibilidade do desenvolvimento de uma pesquisa filosófica sobre o ensinar filosofia.

Recebido em: 03/2024
Aprovado em: 05/2024